



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Mariana Belmira de Andrade (Velas, S. Jorge, 31/12/1844 – 17/02/1921). Filha de Manuel José de Andrade e de Maria Severina de Andrade, tinha ascendência micalense, por parte do pai, cuja família era oriunda dos Fenais da Luz. A mãe era jorgense, pertencendo à família Avelar, a mesma dos médicos que, durante largos anos, exerceram atividade clínica em Ponta Delgada. Mariana Belmira era irmã de Manuel de Andrade, advogado, ambos filhos de uma família abastada, de classe média. Apesar de não ter frequentado o ensino liceal e superior, tornou-se numa mulher muito culta, quer como autodidata, quer pelo convívio e amizade com Delfina Vieira Caldas, perceptora dos filhos do Conselheiro José Pereira da Silveira e Cunha e de sua esposa, D. Brites, de quem também foi amiga. Mariana Andrade sabia tocar piano, lia e traduzia francês com rigor e qualidade, dedicando-se, desde muito jovem, à poesia e ao romance.



► Mariana Belmira de Andrade, in *Revista Micaelense*, ano 4.º, n.º 3, setembro de 1921, p. 1233.

Apesar de ser pouco sociável e até refratária ao matrimónio, casou, inesperadamente, aos 34 anos, com António Maria da Cunha, mas o enlace não foi feliz. O nascimento do filho agudizou as discórdias, desde logo face à escolha do nome da criança. A rápida e definitiva separação do casal, levou o marido a fixar residência em Lisboa, seguindo Mariana Belmira para a ilha Terceira, junto com o filho, a fim de obter o diploma do magistério primário. Concluída a sua formação, foi colocada na Urzelina, na sua ilha natal, onde, durante muitos anos, trabalhou para garantir o seu sustento e o do filho. Este, que veio a casar muito cedo, acabou por emigrar para os Estados Unidos da América, onde se encontrava quando a progenitora faleceu.

Nos seus escritos, Mariana de Andrade declarou-se republicana e panteísta, cultora dos ideais da Revolução Francesa, mas o horror provocado pelo regicídio, em 1908, fê-la renunciar ao republicanismo e conciliar-se com a igreja católica. Aliás, as decepções que a vida lhe impôs tornaram-na um tanto dura e amarga no período final da sua vida. Segundo Eduíno de Jesus, Mariana de Andrade publicou duas coletâneas poéticas: *Fantasia* (Ponta Delgada, 1875) e *A Sibilla* (Velas, 1884) que, de acordo com notícia da imprensa micalense, terá chegado a conhecer uma segunda edição e uma publicação nos EUA (*A Folha*, 05/11/1905). Acrescem o folheto intitulado *Santelmo* e o romance, com nuances de cariz autobiográfico, designado *A Esfinge* que seria repartido por três volumes: *Democracia*, *Drama* e *Tragédia*. Ao que parece, somente excertos desta obra foram publicados, em folhetins, nos jornais *Autonomia dos Açores* (1895) e *A Ilha Graciosa* (1896).

Ainda muito jovem, Mariana dedicou um artigo a Alice Moderno que, aquando do seu falecimento, lhe prestou um sentido tributo, nas páginas da *Revista Micaelense* (n.º 3, setembro, 1921), referindo-se à escritora jorgense como senhora de uma inteligência excepcional, “distinta mulher de letras, que foi uma das boas mentalidades do arquipélago açoriano” (p. 1232). Tinham-se cruzado em vida, pois numa passagem por Ponta Delgada, a caminho de Lisboa, Mariana Belmira ficara hospedada na residência de Alice Moderno.

Dos tempos do manifesto republicanismo de Mariana Belmira de Andrade, perpetuase, neste pequeno testemunho, o poema que dedicou ao político republicano José António Simões Raposo, professor da Casa Pia, maçone deputado ao Congresso, que iria participar na organização da revolução de 5 de outubro de 1910.

Susana Serpa Silva

Recomendamos a leitura

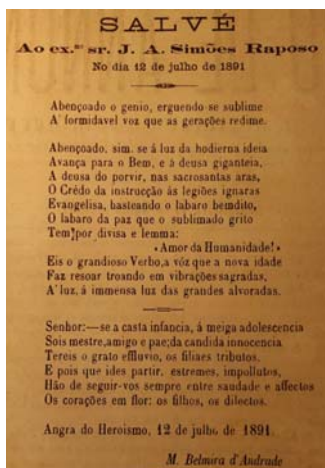
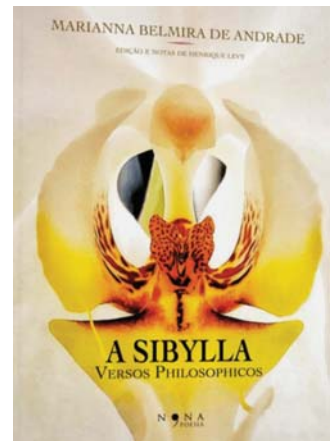
A jorgense Mariana Belmira de Andrade, como tantas outras mulheres escritoras e poetisas oitocentistas açorianas, não é figura conhecida do grande público na atualidade. Não obstante, ao longo da sua produção literária, esta professora jorgense foi recebendo boas críticas de todas as ilhas, desde os jornais, às revistas e almanaques. Hoje começamos por recomendar a leitura da sua própria obra, pois uma das melhores formas de a conhecer é através daquilo que escreveu. Da sua poesia e da sua prosa.

Mariana Belmira de Andrade publicaria dois trabalhos poéticos: *Phantasias* (publicado em 1875 pela Empresa Typographica dos Açores) e a *Sybilla: versos philosophicos* (publicado em São Jorge por J. F. Escobar, em 1884). Qualquer uma destas obras pode ser acessada na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, por exemplo. Seria ainda autora de um romance - *A Esfyngue* -, dividido em três partes (*Democracia*, *Drama*, *Tragédia*), que seria publicado na íntegra nas páginas do jornal *A Ilha Graciosa*, possuindo um carácter autobiográfico.

Como leitura mais recente, sugerimos a edição de 2020, da autoria de Henrique Levy que, republicando a *Sybilla: versos philosophicos*, acrescentou notas e comentários ao texto da autora, sendo por isso uma reedição comentada da *Sybilla*. A edição é da Nona Poesia/Letras Lavadas, em Ponta Delgada.

Boas leituras!

Cristina Moscatel



► *Diário de Anúncios*, n.º 1930, 17/01/1891.

Sabia que...

No século XIX, o hábito da leitura integrava o quotidiano de um elevado número de mulheres aristocratas e burguesas. Algumas dedicavam-se também à escrita, por talento ou vocação, mas muito poucas foram as que fizeram das letras uma carreira profissional. Tratava-se de uma incursão num universo dominado por homens e, por isso, diversas escritoras que ousaram integrar este mundo, publicavam as suas obras anonimamente ou recorrendo a pseudónimos masculinos. Com isto, também ganhavam maior liberdade e contrariavam os preconceitos da época, pelos quais a escrita feminina não era levada a sério.

A conhecida escritora britânica Jane Austen (1775-1817) começou por publicar os seus primeiros romances — *Sensibilidade e Bom Senso* (1810/11) e *Orgulho e Preconceito* (1812/13) — com a simples indicação “By a Lady”. Mas, o sucesso das obras e alguma indiscrição da família, acabaram por levar à revelação da sua identidade. Ainda assim, era o seu irmão Henry, que residia em Londres, quem negociava com os editores. Hoje, ambas as obras referidas são mundialmente conhecidas e já foram adaptadas ao cinema. Por seu turno, Mary Ann Evans (1819-1880), escritora vitoriana que já usava o método da análise psicológica, próprio da moderna ficção, publicava os seus trabalhos com o pseudónimo George Eliot. Iniciou a vida literária com traduções e, como autora, deixou poesias e romances, de entre os quais podemos destacar *Adam Bede* (1859). Entre os seus escritos encontram-se abundantes reflexões sobre os papéis de género no seio da sociedade do seu tempo.

Em França, o famoso escritor George Sand era, na realidade, Amantine Lucile Dupin (1804-1876) que, usando um pseudónimo masculino, começou por colaborar com o jornal *Le Figaro* e veio a deixar uma vastíssima obra literária, na qual sobressaem as suas memórias. Revelou um assertivo espírito crítico relativamente à sociedade do seu tempo, a par de algum otimismo idealista. Depois do divórcio de um marido alcoólico e infiel, teve uma vida amorosa atribulada, causando grande perplexidade pelos seus trajes masculinos e hábito de fumar em público. É considerada como a primeira mulher francesa que viveu de direitos literários.

Estes são, apenas, alguns exemplos de uma realidade que ainda se prolongou no século XX. Muitas escritoras, por pressão dos editores, continuaram a usar nomes ambíguos, para esconder o seu sexo. Veja-se o caso da famosa escritora J.K. Rowling, autora da saga *Harry Potter*.

Susana Serpa Silva